

# ΕΠΙΜΕΤΕΥ

Atrasado é quem não leu!

Ano IX

Laboratório de Estética Ártemis

Coordenação da Prof.Dra.Glória Ribeiro

## CARNAVAL

«GUARDO AINDA BEM GUARDADA,  
A SERPENTINA,  
QUE ELA JOGOU,  
ELA ERA, UMA LINDA COLOMBINA,  
E EU, UM POBRE PIERRÔ.

GUARDEI A SERPENTINA, QUE ELA  
ME ATIROU,  
BRINQUEI COM A COLOMBINA, ATÉ  
AS SETE DA MANHÃ,  
CHOREI, QUANDO ELA DISSE: VOU-  
ME EMBORA, ATÉ MANHÃ,  
PIERRÔ, ATÉ AMANHÃ.»

- SERPENTINA, HAROLDO LOBO E  
DAVID NASSER



# EDITORIAL

Leander Alfredo da Silva Barros  
Bolsista do Grupo PET - Filosofia da UFSJ

Olha o Epimeteu aí gente! Sejam bem-vindos ao contagioso clima do Carnaval desta nossa edição. Nada melhor do que sambar, rir e dançar. Ir às ruas fantasiados, envoltos pelas máscaras e pelo ritmo marcante do carnaval tipicamente brasileiro é um bonito traço desta cultura tão peculiar difundida no Brasil ao longo de décadas. Poder ser quem de fato sonhamos e desejamos é possível no contagiante Carnaval. O deus Hermes está feliz e quer participar da folia. Que ousado esse deus do Olimpo grego! Ele está cheio de notícias sobre o carnaval são-joanense. Para ele a folia começa uma semana antes. Além de trazer as boas-novas sobre a Universidade e a vida acadêmica, traz também sua programação para os dias da folia incitando a comunidade acadêmica a cair na farra do carnaval. Na coluna de discussão *Ágora* Jefferson Rodrigues nos alerta para o comércio que denigre a cultura carnavalesca. Aproveitar é a máxima para a Festa, mas, é preciso estar atento ao comércio desenfreado da folia. Shênia Giarola na mutante coluna *Nereuotico* nos apresenta a personagem fictícia de Dona Chica nos carnavais. Um das principais personagens da história do carnaval brasileiro tem sua história aqui revelada nesta coluna e que como todos pede licença para adentrar a folia. A figura da mulher no carnaval é essencial. O toque de feminilidade que se transmite

nas passistas, nos destaques e o remelexo feminino no samba são delineados na figura da belíssima personagem Dona Chica. O problema da sociedade moralista brasileira que quer se ver livre no carnaval e que nos dias que se sucedem às festividades não vivem com a leveza e a permissibilidade com que tornam a folia agradável também aparecem nessa peculiar história. O professor José Antônio nos presenteia com mais uma interessante e bela história na sua coluna *Claudicare*, que você não pode deixar de conferir! Em *Cafarnaum* Mateus Almeida dá os verdadeiros relatos da mãe que tem filhos que vão ao carnaval. Preocupadas, resignadas e fatigadas, as mães dos foliões não vêm a hora de acabar tudo para que o sossego impere, e para que os filhos cheguem vivos na manhã da quarta-feira de cinzas.

Carmem Miranda e suas canções carnavalescas são o tema da *Caixa de Pandora* de Ludoyco Moras e Kátia de Paula. Em *Escarafunchando* falo sobre o filme Orfeu, em que a mitologia grega une-se à temática do carnaval brasileiro numa incrível trama de Cacá Diegues. Encerrando nosso jornal Gabriela nos apresenta um poema sobre o caráter momentâneo do carnal, em que os verdadeiros espíritos se traduzem nas máscaras que cairão no findar da folia. Então, preparados? #partiuserfolião



João Pedro Andrade de Campos  
Bolsista do Grupo PET-Filosofia da UFSJ

Olá Pessoal!

Eu, o grande Hermes, estou aqui mais uma vez para lhes trazer algumas notícias fresquinhas. Esse ano a galera chegou mais cedo para o início das aulas, todo mundo correndo contra Cronos para colocar tudo em dia, uma confusão de deixar o cabelo da Medusa de pé!

Mas em meio a toda correria, veio o carnaval. Ah, o carnaval! Eu gosto muito, sabiam? Tiro uns dias de folga e caio na folia e, além disso, eu, o grande Hermes, entre um samba aqui e outro acolá protejo os turistas (que são muitos!) e também dou uma passadinha pelo comércio, que fica bem movimentado e gera algumas boas moedas de ouro pro pessoal. Em São João Del Rei a festança começa bem antes. As más línguas dizem que o tal pré-carnaval é até melhor que o oficial, mesmo contando com mais de 40 blocos e 12 escolas de samba. Foi muito bacana ver toda aquela gente pulando, dançando, cantando – afinados ou não, aí vamos nós! – e claro, beijando muito.

Empolguei-me falando do carnaval e já ia deixando passar. Na semana do “pré-carnaval”, rolou na faculdade

um grande evento na área da educação. O seminário “As Práticas Pedagógicas e o Estágio Supervisionado: Herança Cultural Na Educação” contou com várias comunicações ministradas pelos próprios alunos que submeteram seus trabalhos a uma análise prévia, mesas redondas discutindo questões como Cotas e Ensino a Distância, oficinas com cursos bem estruturados e durante a noite tivemos conferências e palestras superinteressantes contaram com a presença de professores de outras universidades brasileiras e até de Portugal, ora pois!

Esse mês de fevereiro passou voando, todo mundo aprendeu bastante e se divertiu muito. Até mesmo quem não gosta da folia se divertiu de outras formas, seja apenas descansando com a família ou até mesmo fazendo um retiro espiritual. Acho que já fiz meu trabalho, é hora de voltar pro Olimpo e descansar.

Até a próxima!

Mensageiro dos deuses, preside os tratados tanto públicos quanto privados, fomenta o comércio, protege as estradas contra os ladrões e ampara os viajantes do mundo todo.

**Tutora e Editora:** Prof. Dra. Glória Maria Ferreira Ribeiro

**Coordenação, diagramação e revisão:** Mayra Campos de Melo e Revisor

**Ilustração e arte final:** Isabela Kristina Mesquita e Prof. Dra. Glória Maria Ferreira Ribeiro

**Edição de Textos:** Alison Oliveira, Bruna Dutra, Camila Silva de Paulo, Carlos Arthur Pereira, Danilo Henrique, Gabriela Ferreira, Prof. Dra. Glória Maria Ferreira Ribeiro, Isabela Oliveira, Kátia Cristina, Leandro Santos, Leander Alfredo da Silva Barros, Ludovycy Moras, Marcos Antônio Souza, Mateus Almeida, Shênia Giarola, Thamara Custódio, Valéria Nascimento,

**Colaboradores:** Prof. Dr. José Antônio Oliveira de Resende.

A totalidade do projeto é resultado de trabalho conjunto e coordenado. Trata-se de uma junção de idéias criteriosamente discutidas, reconstruídas e aplicadas durante reuniões semanais no segundo semestre de 2012.







# Ágora



Jefferson Rodrigues

## EScola\$ de Samba S.A.



“É fantástico! Virou Hollywood isso aqui! Luzes, câmeras e som... Mil artistas na Sapucaí!”

Esse verso do samba-enredo da São Clemente foi, quem diria, composto em 1990. Naquele ano, a escola apresentou um enredo que criticava as mudanças dos desfiles, a perda da identidade das agremiações e o abandono das origens e dos baluartes que eram, em síntese, a raiz da festa. E, de lá pra cá, na rolança do tempo, o carnaval se modificou a tal ponto que esse verso soa quase profético.

Na era da indústria cultural ditando regras e influenciando manifestações folclóricas, as escolas de samba dificilmente escapariam de mudanças. O surpreendente nesse caso é que houve uma quase substituição de dirigentes e diretores na busca pelo dinheiro, pelas manchetes, pela rainha de bateria que topasse bancar a sua fantasia e a dos ritmistas... E o samba, sambou!

Tomando 2013 como exemplo, a campeã Unidos de Vila Isabel veio patrocinada e pouco se viu do patrocinador no belíssimo enredo sobre o homem do campo. Já a Mocidade Independente trouxe o Rock in Rio num desfile desastroso que quase rendeu o primeiro rebaixamento da história da escola. Um desfile do Grupo Especial do Rio custa, em média, R\$ 7 milhões, ou seja, dinheiro é preciso (e muito!). A discussão se dá em torno de: como construir a relação patrocínio-enredo? Vale a pena ir para avenida cantando os royalties do petróleo como fez a Grande Rio (escola campeã em enredos bizarros-patrocínados)? Ou é melhor estabelecer um contrato em que o valor cultural do enredo se sobreponha ao nome do financiador?

Analisando os desfiles das escolas de samba, também vamos nos deparar com ex-BBB's, modelos e atrizes reinando na frente das baterias e

lugares de destaque são os enredos (com coreografias que nos politicamente corretos, lembram mais um ataque como os de incentivo à epilético do que samba no doação de órgãos, as críticas pé), casais de mestre-sala e políticas e as homenagens a porta-bandeira que trocam personalidades que de “bandeira” a cada ano (o contribuíram com nosso país famoso “quem paga mais e que, às vezes, eram me leva”) e tentativas ignoradas pelo público em absurdas de chamar a geral.

Essa magia de contar duas baterias da Mangueira uma história através de que foram fundamentais canto, dança, fantasias e para a escola estourar o alegorias começou em 1929 tempo limite de desfile. e, obviamente, foi se Resumindo: são as diversas adaptando aos tempos e às formas encontradas pela suas necessidades para mercadoria-carnaval para sobreviver com a força que, ocupar seu espaço na mídia hoje, a mantém viva e capaz e atrair investimentos, em de se renovar a cada ano. Só detrimento de seus artistas que a renovação, “de casa”, suas velhas impulsionada em diferentes guardas e componentes que, épocas por Fernando sozinhos, possuem mais Pamplona, Joãozinho bagagem que todos os (Será Trinha, Fernando Pinto, que um “demais” não Rosa Magalhães e Renato ficaria legal aqui?) artistas Lage, entre outros, precisa de juntos. freios e de reflexões.

Escolas de Samba com uma das maiores décadas de história para divulgadoras de cultura, contar não podem se vender através de seus enredos, as a uma marca ou governo por escolas de samba do Rio de conta do valor a ser Janeiro são mundialmente preenchido no cheque. É conhecidas. Os enredos são preciso haver resistência, em fonte de conhecimento para nome das próprias as comunidades que instituições e daquilo que convivem com um tema elas representam para o país. durante um ano inteiro de Manifestações culturais e p r e p a r a ç ã o e , folclóricas não podem posteriormente, para sobreviver baseadas no público e telespectadores “quer pagar quanto?” Quem espalhados por mais de cem perde são as comunidades, países. Foi graças ao os sambistas e , carnaval que personagens principalmente, a cultura marginais da história brasileira. brasileira ganharam luz e atenção como Chica da Silva, Dona Beja e até mesmo Zumbi dos Palmares. Outros exemplos

Praça principal; assembléia do povo na praça pública; mercado; fórum (na antiga Grécia).

# NEREUOTICO

Shênia Souza Giarola  
Bolsista do Grupo PET-Filosofia da UFSJ



Prof. Dr. José Antônio Oliveira de Resende  
Professor do Departamento de Letras, Artes e Cultura da UFSJ



## O que é que o BRASIL tem?

“Ó abre alas que eu quero passar!” - gritou Dona Chica, carregando seu filho nas ladeiras do morro. O Pelourinho estava intransitável, colorido por rostos diversos que se realizavam na multidão. “Ó abre alas que eu quero passar!” - repetiu com fervor - “Eu sou da lira, não posso parar”. Dona Chica, assim como muitas baianas, tinha em si uma energia incomum. Além do filho, magrelo e muito tagarela, carregava consigo as “ferramentas” de trabalho e uma alegria contagiante. Era negra, quituteira, pouco menos de 30 anos. Tinha olhos que conseguiam deixar qualquer homem louco, um cabelo comprido que reluzia e um sorriso gigante. Assim era Dona Chica.

No carnaval, Dona Chica não era telespectadora. No carnaval ela não era coadjuvante. Ela era o papel principal. Com o seu gingado, combinado com a simetria do corpo, fazia da dança a sua profissão, mesmo que por pouco tempo. Ao descer o morro Chiquinha, como era chamada pelos mais próximos, chegava ao local destinado. E dançava. Dançava até os pés não mais aguentarem. O conjunto da obra fazia daquela dança contagiante - e todos dançavam.

Enquanto dançava, olhava os rostos em torno de si. E reparava-os. Ao lado esquerdo, visualizou as dançarinas de Kankan, seguidas pelos marinheiros. Havia ainda os super-heróis - que não eram poucos -

a c o m p a n h a d o s d a s enfermeiras, das abelhas, das diabinhas, dos surfistas, das saídas de contos de fadas, dos policiais e tantos outros. O que não faltava ali era imaginação. E aproveitou cada minuto, porque sabia que depois de seis dias tudo voltaria ao normal.

Seis dias depois, já não era mais a “dançarina do corpo mole”, mas a Dona Chica vendedora de quitutes. Sentia saudades do carnaval e esperava ansiosa pelo próximo. Pensava, sentada no banco da cidade, que os marinheiros, as enfermeiras, os surfistas (...) que havia conhecido não mais se apresentavam assim. Percebeu, após um estalar da consciência, que o que se faz no carnaval fica no carnaval, pois a sociedade brasileira é conservadora, mas no carnaval isso não se aplica. E pensou “É por isso que todos esperam ansiosos por essa data”. E assim continuou ali, sentada, suprimindo todas as suas vontades, esperando pelo próximo carnaval.

ΣΠΙΜΕΤΕΛΕ

Edição nº 20

Referência a Nereu, deus marinho conhecido por suas virtudes de sabedoria. Era capaz de realizar profecias e mudar de forma quando conveniente. Esta coluna também promete ser mutante.

A coluna é uma homenagem ao caráter claudicante de Hefestos, um dos motivos do riso dos deuses. Claudicar (do latim *claudicare*): não ter firmeza nos pés; manquejar; capengar.





# CAFARNAUM

Lugar de bagunça. Depósito de coisas velhas. Lugar de tumulto ou de desordem, confusão, miscelânea, mistifório.

Mateus Almeida  
Bolsista do Grupo PET-Filosofia da UFSJ

## 10 Considerações de uma mãe APAVORADA NO CARNAVAL:



1

Filho, vê se não bebe muito!

2

Filho, se for transar, use camisinha!

3

Ah, menino, não me arrume netos!

4

Não vá mexer com drogas, hein?!

5

Vê se alimenta direito, garoto, muita bebida e pouca comida não vai acabar bem!

6

Filha não volte sozinha para casa. Esse mundo é muito perigoso para uma mocinha como você!

7

Ô meu bebezinho (uma pequena criança de 25 anos), tome cuidado para não brigar na rua.

8

Não faça xixi na rua, filho (a). Use o banheiro químico.

9

Vê se não chega muito tarde em casa, filhinho. (O filho obedece e chega nove horas da manhã, matando a mãe de preocupação)

10

Vê se não mata sua mãe de preocupação!





# Caixa de Pandora

\* Dicas de músicas, sites, filmes.

Kátia Cristina de Paula e Ludovyco Moras  
Bolsista do PET - Filosofia da UFSJ



*"gregos e troianos". Seu auge foi entre as décadas de 70 e 80, com grandes compositores como Gilberto Gil, Maria Bethânia e Caetano Veloso, entre outros. Para quem curte MPB, vai a dica de um CD: Caetano Veloso: muitos carnavais. Ele reúne uma coletânea de músicas que marcaram alguns carnavais.*

*e intérpretes e com os compositores que marcaram época.*

*Platão em sua obra "A República" discorre sobre a importância da música na educação dos guerreiros. E, na verdade, todo este ritmo acelerado do carnaval nos torna verdadeiros guerreiros.*

*Segue a dica: não existe uma música ou um ritmo que consiga sintetizar o carnaval. A diversão está no conjunto.*

*Um dos campeões de sucesso no carnaval é o "axé", surgido na década de 80, na Bahia, e que vem, nos últimos anos, agitando e agradando os carnavalescos de plantão.*

*Ainda temos a revelação deste ano de 2013, o "Arrocha", surgido na Bahia, no fim da década de 90. O "Arrocha" reúne como características principais muita sensualidade, alegria e descontração.*

*Para quem quiser se inteirar do assunto, "Almanaque do Carnaval: A História do Carnaval, O Que Ouvir, O Que Ler, Onde Curtir" (de André Diniz). Ele conta a origem do carnaval, com suas principais canções*

*Carnaval é sinônimo de festa, diversidade, mistura de ritmos. As músicas que marcam são as clássicas, como "O que é que a baiana tem", música de Carmem Miranda que marcou carnavais de rua no final da década de 60. A música descreve as belezas da baiana, seu modo de se vestir, de se enfeitar ("Tem torso de seda tem (tem)"), além de sua graça que encanta as pessoas: "E tem graça como ninguém...!".*

*Outro ritmo tradicional são as "marchinhas", gênero musical que se destacou dos anos 20 aos 60. Ainda hoje, os blocos carnavalescos que desfilam continuam lançando novas marchinhas e revivendo as antigas. Elas "estão na ponta da língua do povo", basta dar a primeira entoada que logo o coro carnavalesco segura: Ô Abre Alas; Mamãe eu quero!; Você pensa que cachaça é água?; Allah-La Ô; Olha a cabeleira do Zezé; A Pipa do Vovô;*

*Outro estilo musical é a MPB. Popularmente conhecida, ela agrada a*





# ORFEU (1999)

Leander Alfredo da Silva Barros  
Bolsista do Grupo PET - Filosofia da UFSJ

## Escara funchando

\* Comentário sobre produções artísticas e midiáticas.

Baseado na peça “Orfeu da Conceição” do poeta Vinícius de Moraes, o filme Orfeu, de 1999, dirigido por Cacá Diegues é justamente a união de mito, poesia, música, e ainda por cima tem como cenário o típico carnaval brasileiro. O filme é uma readaptação do mito grego de Orfeu, e o tétrico cenário é uma favela do Rio de Janeiro: o Morro da Carioca. Com música de Caetano Veloso, o drama proposto revela-se na trama vivida pelo poeta-cantor e a jovem e bela Eurídice.

Orfeu (Toni Garrido) vive em busca do sentido da vida, e irá encontrá-lo no amor absoluto pela jovem Eurídice (Patrícia França) recém-chegada de uma pequena cidade da floresta amazônica. Todo o desenrolar da história ocorre nos dias do carnaval carioca, mas, também retrata fielmente o regime do tráfico vivido nas favelas, o qual tem grande sentido na nova tentativa de retratação da história grega.

“Orfeu cujo violão é a vida da cidade (...)”<sup>0</sup> a todos encanta com sua voz e com suas composições, inclusive a bela Eurídice. No filme (Orfeu), é compositor de samba (nada mais propício!) e o sambista oficial da Escola de Samba Unidos da Carioca. Por todos é conhecido e adorado. Orfeu é amado e desejado pelas mulheres, têm o respeito dos pais e moradores e é o único que consegue pacificar o clima austero, causado pelo traficante Lucinho (Murilo Benício), do qual é amigo.

Discordante das atitudes do maior traficante local, Orfeu

indigna-se com as atitudes que vê, e das quais Eurídice também é absolutamente contrária. Resoluta, decide fugir do clima insuportável do Morro com o seu amor. Mas, o contagiante carnaval está acontecendo, e Orfeu precisa levar à glória o nome da escola de samba local, e teme abandonar sua casa, sua família, e o Morro no qual foi criado e não ousa jamais desonrar o prestígio já alcançado.

O drama se instaura, não diferente do Mito, “Orfeu olha para trás”, temeroso e prudente não pode ainda largar tudo em função do seu amor, é sua humanidade que clama, o instinto, o desejo, o orgulho, a obsessão pela fama, colocam Eurídice já não mais como prioridade.

Todo o encantador amor e toda a entrega tanto de Eurídice quanto de Orfeu, que é o “canto do Morro” despertam em

Lucinho, o chefe do tráfico local, tremenda inveja, que quer Eurídice para si, mas, que também quer ainda o amigo Orfeu no Morro, que traz para o local “os olhos afamados” devido à sua música. Por isso mata-a e Orfeu vai até as profundezas, na desova dos corpos assassinados pelo traficante em busca do corpo de seu amor.

O grito lamurioso e mitológico: Eurídice, Eurídice, é ouvido por todos os cantos da favela. O canto se transforma em pranto, contínuo e amargo. As mulheres revoltadas e rancorosas, enciumadas pelo amor profundo do casal, vão contra Orfeu e matam-no também, pois já não suportam ver desfigurado e entregue o homem que despertara nelas o amor. Vitoriosas, e ao mesmo tempo derrotadas, “batem os pés no chão” por verem acabado o enlevo amor.

Orfeu faz jus à mãe e musa Calíope, é de bela voz, consegue a doçura dos mais belos sentimentos despertados pela música, mas, também é filho de Apolo, o sol da verdade, justiça dos deuses. O filme de 1999, de produção brasileira, é sem dúvida, uma bem composta obra que além de retratar de forma significativa a narrativa mitológica de Orfeu, também consegue unir a poesia, o drama, e o mais contagiante, típico e cultural amado carnaval dos brasileiros. Que mesmo amando, sofrendo e lutando arduamente ainda reservam um tempo para ir às ruas para sambar, cantar e mostrar quem, de fato, gostariam de ser. Porém, as máscaras caem e se vão e a quarta-feira de cinzas, já é logo depois!





# TRAÇOS DE UM PRAZER ARTIFICIAL

vez esperem tanto do carnaval

Para desfrutarem de uma pequena ilusão do mundo  
Justificando plausivelmente todo seu sofrimento de viver  
Em máscaras que podem esconder tantos rostos,  
Pois já não se sabe mais em quais fantasias pode-se  
acreditar

Aquelas que brilham por confetes e purpurinas  
Ou aquelas que os sorrisos amarelos se esboçam  
Todo carnaval há de ter seu fim.

Que as máscaras desiludidas da vida possam cair  
E os verdadeiros espíritos dionisiacos renasçam.”

Gabriela Ferreira de Andrade  
Bolsista do Grupo PET - Filosofia da UFSJ

